



INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BOITUVA

**As Bonecas Abayomi e as práticas de ensino antirracista com
manualidades: caminhos para criatividade e reflexões sobre
identidades étnico-raciais na formação docente**

Maria de Lourdes de Oliveira Abreu Camargo

maria.abreu@aluno.ifsp.edu.br

Profa. Dra. Juliana Regina Basilio

basilio.juliana@ifsp.edu.br

Boituva, 2023

Resumo

O artigo propõe uma discussão sobre os processos de aprendizado antirracista na formação docente, investigando como atividades práticas, realizadas com manualidades, podem contribuir para a reflexão sobre identidades étnico-raciais. A pesquisa está organizada em duas partes distintas. Na primeira, há um exercício de autorreflexão por parte da autora, que descreve e explica como as bonecas Abayomi impactaram sua formação como professora. Já na segunda parte, é realizado um estudo bibliográfico de artigos científicos que abordam as bonecas Abayomi na escola e seu papel como prática de educação antirracista, bem como a valorização da ancestralidade negra. Em ambos os momentos da pesquisa, as discussões são orientadas pela legislação pertinente sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. A expectativa do artigo é destacar a importância das atividades manuais na formação de professores para a promoção de uma educação mais inclusiva, igualitária e antirracista. Isso se daria ao valorizar a diversidade étnica e cultural, além de divulgar brinquedos da herança afro-brasileira e indígena.

Palavras-chave: Bonecas Abayomi; Educação antirracista; Formação de professores; Manualidades.

Abstract: The article aims to discuss anti-racist learning processes in teacher education. To do so, it investigates how practical activities done with handicrafts can contribute to the reflection on ethnic-racial identities. The research is structured in two parts. In the first part, there is an exercise of self-reflection by the author that describes and explains how Abayomi dolls impacted her formation as a teacher. In the second part, a bibliographical study of scientific articles addressing Abayomi dolls in schools and their role as anti-racist education practices, as well as the appreciation of black ancestry, is conducted. At each moment, relevant legislation on the teaching of Afro-Brazilian and indigenous history and culture guides the discussions in the article. The expectation is to highlight the importance of handicrafts in teacher education for the promotion of a more inclusive, egalitarian, and anti-racist education, valuing ethnic and cultural diversity and disseminating toys from Afro-Brazilian and indigenous heritage.

Keywords: Abayomi Dolls, Anti-racist Education, Teacher Training, Handicrafts.

INTRODUÇÃO

Do percurso na Licenciatura à conexão com minha ancestralidade e negritude

O dia estava ensolarado, apesar do frio. Era uma manhã de outubro do ano de 2022, e as expectativas sobre o encontro que aconteceria no Laboratório de Vivências Pedagógicas do Campus Boituva (que chamamos corriqueiramente de Brinquedoteca) eram as melhores. Havia programada uma palestra, uma roda de capoeira (Roda de Capoeira Ativa Mestre Marquinhos e Mestra Preta), um café da manhã e uma oficina para a produção de bonecas Abayomi. Sábados letivos costumavam ser ocasiões em que estudantes acabavam tendo pouca disposição para ir ao campus - afinal, a semana já era bastante puxada. No entanto, não foi assim naquele sábado. A organização do evento da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) do campus anunciou na programação a vinda da palestrante Bruna Cristina do Coletivo Realezas de Aya, pedagoga, especialista em educação infantil, e escritora do livro infantil "Aimée e a coroa que não conseguia ver". O tema da palestra era "A contribuição da literatura para uma educação antirracista". Até familiares de estudantes da Pedagogia participaram do evento.

Ao receber o convite para participar da organização do evento e atuar comoicineira, senti-me um tanto apreensiva, pois não me considerava capaz. Afinal, o desenvolvimento do evento demanda várias etapas que necessitam de estudo, pesquisa, reflexão, planejamento e organização. Além disso, são necessários recursos humanos e materiais para que a atividade alcance seus objetivos.

No entanto, todo o processo de construção do evento provocou em mim um sentimento único de estar vivendo uma experiência nova, algo conectado com meu interior, ou seja, de minha ancestralidade pulsando, que seria "um conhecimento herdado das diversas etnias africanas" (OLIVEIRA, SANTANA, 2019, p. 96). Parecia que tudo isso sempre esteve lá dentro, mas, por algum motivo, eu não conseguia ver. Isso se dá, principalmente, pelo fato de que o caminho da negritude é político, exigindo uma tomada de consciência racial. Em virtude das políticas de miscigenação, esses aspectos foram frequentemente negados.¹ Ao receber o convite para participar da organização do evento e

¹ Para discussão Cf. NEGRITUDE SOCIALISTA BRASILEIRA - Valneide Nascimento dos Santos. Disponível em: <https://www.negritudesocialista.org.br/movimento-da-negritude-uma-breve-reconstrucao-historica/#:~:text=No%20terreno%20pol%C3%ADtico%2C%20negritude%20serve,manifesta%C3%A7%C3%A3o%20cultural%20de%20matriz%20africana>. Acesso em 18 de dez. 2023.

ser oficinaira na confecção da Boneca Abayomi (um brinquedo confeccionado com retalhos de tecidos e nós), esse sentimento se intensificou.

O encontro com a Boneca Abayomi foi um ponto de virada para mim, a ponto de ser incluído em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O artigo que aqui se apresenta foi construído com foco em duas dimensões: a primeira trata-se da autorreflexão da pesquisadora sobre seu percurso profissional como artesã, bem como sua trajetória escolar na Licenciatura em Pedagogia. A segunda dimensão envolve a pesquisa bibliográfica sobre artigos acadêmicos que abordam os usos das bonecas Abayomi no ambiente escolar.

Assim, em termos metodológicos, o artigo percorre as memórias da autora para, em seguida, buscar no estudo bibliográfico elementos para uma discussão sobre o papel das Bonecas Abayomi nas práticas pedagógicas de ensino antirracista. Dessa maneira, seu arquivo pessoal (MILLS, 2009) é mobilizado para exemplificar e explicar o impacto das atividades manuais, como a construção de brinquedos, na formação inicial de professoras e professores.

O currículo e a descoberta de si: mais sobre as motivações para a pesquisa

Não fosse o currículo da Licenciatura em Pedagogia, o encontro com o professor Ivan Carriel - a disciplina Planejamento e Desenvolvimento de Atividades Digitais em Ambientes On-line (POAP5) -, a oportunidade de ser bolsista no Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e a participação na Residência Pedagógica (RP), talvez eu não tivesse chegado às bonecas e nem à reconexão com a minha negritude. Foram os estudos que possibilitaram a autorreflexão sobre minhas experiências pessoais como mulher negra. Compreendo o currículo com base em Débora Campos e Sebastião da Silva (2009), no qual o:

Currículo deve ser visto como uma maneira de preparar a juventude para participar ativamente de sua cultura. Nem todas as culturas se nutrem das mesmas classes de conhecimentos, nem uma mesma cultura necessita dos mesmos tipos de capacidades e habilidades intelectuais em todas as épocas. Assim, uma análise da cultura e da sociedade é um dos critérios que fundamentam a proposta de currículo (CAMPOS; DA SILVA, 2009, p. 38).

Dessa forma, percebo que a maneira como o professor Ivan nos fez pensar sobre a aprendizagem me possibilitou refletir sobre como gostaria de me tornar como educadora.

Tal iniciativa consistia em fomentar a reflexão crítica nos estudantes da minha turma, visando o desenvolvimento de recursos de aprendizagem utilizando ferramentas digitais em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Para isso, optamos por utilizar o Google Classroom.²

Com o intuito de atender às expectativas da disciplina POAP5 à época, minha proposta consistiu em um experimento pedagógico de cunho teórico e prático. O resultado foi uma atividade que envolvia a elaboração de um minicurso interdisciplinar abordando o ensino da História da Cultura Afro-brasileira e Indígena, destinado à formação de professores e à criação de recursos didáticos com foco na educação inclusiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). É necessário ressaltar que esse período coincidiu com os desafios decorrentes da pandemia do COVID-19.³

A proposta inicial consistia em disponibilizar o minicurso de forma online no Google Classroom, onde todo o material estaria acessível, incluindo instruções detalhadas para a confecção dos brinquedos propostos, bem como suas respectivas histórias - a peteca, de origem indígena, e as bonecas Abayomi, de origem africana. Nesse sentido, busquei estabelecer uma abordagem que entrelaçasse o ensino da história e as origens do povo brasileiro com habilidades manuais culturais e sociais, elementos cruciais na educação de crianças com TEA. Essa iniciativa foi concebida com o propósito de fomentar a interação entre os alunos, proporcionando-lhes não apenas a oportunidade de confeccionar os brinquedos, mas também de desfrutá-los em atividades lúdicas.

Durante uma das primeiras reuniões no PIBID, tive a oportunidade de assistir a um vídeo de contação de histórias produzido pelas alunas do programa. A narrativa, intitulada "Moça Bonita do Laço de Fita", contava com uma protagonista de pele negra. As reflexões suscitadas durante o vídeo despertaram meu interesse em aprofundar-me no tema, especialmente diante das discussões estimulantes que surgiram entre os participantes do PIBID. Em conjunto com minha colega Rosimeire Silva Porcino, também integrante do programa e do mesmo curso, começamos a fazer parte do grupo de estudos intitulado

² Uma plataforma virtual da Google que facilita a comunicação dos professores, a entrega de conteúdo e a interação com os alunos e responsáveis.

³ Em janeiro de 2021 as primeiras doses da vacina "Corona Vac" começaram a ser aplicadas no Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/vacinacao-contra-covid-19-come%C3%A7a-em-todo-o-pais>. Acesso em: 02 de dez. 2023. A situação da pandemia impactou as metodologias de ensino tornando o ensino remoto. Para estudos sobre, Cf. SENADO FEDERAL Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemia-na-educacao-no-brasil>. Acesso em 02 de dez de 2023.

"Faça Você Mesmo"⁴, o qual se dedicava à produção de vídeos instrutivos para a confecção de brinquedos, brincadeiras e jogos populares, bem como de materiais destinados à alfabetização e ao ensino de matemática. Tais recursos eram disponibilizados aos professores de uma escola da rede municipal de Boituva como instrumentos de apoio para o ensino de seus alunos.

Apesar dos desafios enfrentados devido à pandemia do Covid-19 e ao isolamento social, estávamos empenhados em buscar meios criativos para estimular a curiosidade e as reflexões dos alunos sobre nossa origem e a cultura indígena e africana de maneira lúdica e significativa. Assim, comecei a pesquisar jogos e brincadeiras desses povos para serem incorporados às atividades, a fim de despertar uma consciência crítica e reflexiva nos alunos sobre o tema.

Em minha leitura inicial do "Pequeno Manual Antirracista" de Djamila Ribeiro (2019), encontrei conexões profundas entre as experiências descritas pela autora e as minhas próprias vivências. As estratégias efetivas propostas por Ribeiro para combater o racismo enraizado no contexto brasileiro ressoam de maneira particularmente significativa para mim. À medida que a filósofa aborda o racismo estrutural, suas reflexões sobre a invisibilidade dessa estrutura e as estratégias para combatê-la oferece insights valiosos que podem ser aplicados em diversas situações.

Assim como Djamila Ribeiro instiga os leitores a compreenderem a estrutura do racismo, reconhecendo suas nuances específicas, da mesma forma, a discussão sobre privilégios, a necessidade de desnaturalizar olhares condicionados e criar espaços inclusivos ressoa com a busca por equidade e diversidade em ambientes profissionais, sendo a partir dessa perspectiva que busquei idealizar as oficinas das bonecas Abayomi.

Além disso, a ênfase da autora na importância da educação e conscientização sobre o racismo para toda a sociedade, e não apenas para os afetados por ele, pode inspirar estratégias inclusivas ao decorrer das atividades. Reconhecer a responsabilidade coletiva na transformação de ambientes de trabalho e na promoção da diversidade pode ser uma abordagem valiosa, como veremos ao discutir sobre os momentos das oficinas.

Em suma, o "Pequeno Manual Antirracista" não apenas oferece um panorama abrangente do racismo estrutural, mas também fornece ferramentas práticas e perspectivas que podem enriquecer e informar as práticas e políticas em nosso contexto profissional, promovendo um ambiente mais inclusivo e consciente.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GNsgAHMic3c&list=PLMwEvY4uFU0FzWdT8OxKBXLgYFmkUEu5G>. Acesso em 22 de out. 2023

Uma segunda leitura importante foi o livro "O Genocídio do Negro no Brasil" do renomado ativista e economista Abdias Nascimento (1978), cuja abordagem minuciosa revelou a trajetória histórica do preconceito no Brasil e sua intrínseca relação com as políticas públicas adotadas por líderes governamentais, majoritariamente homens brancos de classes sociais mais abastadas.

Como integrante do PIBID e após diversas reuniões, pesquisas dos livros mencionados e confecções de materiais, organizamos um evento que marcou nosso primeiro encontro presencial numa escola da rede municipal de Boituva, em dezembro de 2021. O evento contou com várias estações de atividades, como contação de histórias, banca da ciência, jogos, brinquedos e brincadeiras populares. Além disso, foi realizada uma oficina ao ar livre, sob minha responsabilidade⁵ para a confecção de petecas, um brinquedo de origem indígena.

Em março de 2022, com o retorno das atividades presenciais numa escola parceira do Projeto PIBID da Licenciatura em Pedagogia do Campus Boituva, decoramos a escola e propusemos a realização de uma série de ações durante o dia. Incluímos diversas estações de atividades, como contação de histórias, jogos e brincadeiras populares de origem africana, atividades de recorte e colagem com temáticas africanas, Roda de Capoeira, oficina de Fanzines, Oficina da Boneca Abayomi e Banca da Ciência.

À medida que avançava nos estudos na universidade e por minha própria curiosidade sobre a questão da negritude brasileira, dedicava-me à reflexão acerca de abordagens alternativas para tratar das questões étnico-raciais, executadas através do PIBID. Nesse percurso, percebi claramente o florescer da minha criatividade e o desejo veemente de elaborar propostas que ressoassem profundamente com meus valores, convicções e experiências, ou seja, uma educação que promovesse a consciência antirracista.

A terceira contextualização refere-se à minha entrada no Programa Residência Pedagógica (RP) em outubro de 2022, conduzindo regências numa escola municipal em Boituva. Essa oportunidade proporcionou-me a condução de diversas aulas relevantes para o meu desenvolvimento como futura educadora. Destaco algumas dessas aulas, nas quais explorei o tema do antirracismo. Uma experiência marcante foi a aula sobre a origem da peteca, na qual utilizei a obra do autor Vinícius Medrado (2020) para criar uma contação

⁵ Fui responsável pela idealização e organização da oficina, mas, infelizmente, devido ao falecimento de meu pai na véspera do evento, não pude ministrá-la.

de história envolvente, seguida por uma oficina de confecção de petecas com os alunos (Figura 1).



Figura 1:Regência no RP, Regência - Povos Originários.

Fonte: https://www.instagram.com/p/Cn2x1DnvwrM/?img_index=1.

Em 2023, ministrei uma aula sobre a origem do nome Boituva, na qual abordei a fascinante lenda indígena do Boitatá, seguida por atividades direcionadas à alfabetização e letramento. Além disso, utilizei o livro "O Tupi que você fala" de Cláudio Fragata (2018), que explora o vocabulário cotidiano em tupi, despertando a consciência sobre essa língua ancestral e ressaltando a conexão intrínseca com nossas origens. Durante essa sessão, propus atividades lúdicas, incluindo o jogo da "Batalha das Palavras", no qual os alunos competiam no clássico jogo de "jokenpô" para determinar quem iniciaria.

Posteriormente, disponibilizei um painel com figuras e palavras em tupi, utilizando velcro, no qual os alunos deveriam relacionar as figuras às palavras por meio de cartas disponíveis, promovendo uma imersão interativa no conhecimento linguístico. Nessa última atividade, durante a regência do Tupi, também houve o momento de reconto da história, no qual as crianças tiveram a oportunidade de expressar suas experiências em um painel de papel pardo. Foram disponibilizadas canetas coloridas e outros materiais para que as crianças recortassem e recontassem as atividades que vivenciaram naquela tarde. O painel resultante foi exposto no pátio da escola, permitindo que todos os alunos e membros da equipe escolar pudessem apreciá-lo.

Em minhas pesquisas durante o PIBID e RP, descobri que muitos dos nossos jogos e brincadeiras têm raízes nas culturas indígenas e africanas, além da influência europeia. Essas tradições se destacam em meio à variedade de atividades lúdicas, contribuindo significativamente para nossos jogos populares.

E chegamos à primeira experiência que relatei, daquela linda manhã de sábado, que refere-se à apresentação dos resultados da disciplina POAP5, realizada por meio de um banner intitulado "A Boneca Abayomi e a Peteca", durante a VI Semana da Pedagogia

e IV Semana da Educação Inclusiva em 2022.⁶ Este trabalho foi vinculado ao evento por ter sido desenvolvido no âmbito do curso de Pedagogia e por estar inserido no contexto dos Recursos Educacionais Abertos (REA), reconhecidos como metodologias de ensino colaborativas. A apresentação ocorreu no saguão principal do IFSP Campus Boituva e contou com a participação de vários discentes expositores do curso de Licenciatura em Pedagogia. Cada um teve a oportunidade de divulgar sua proposta em um banner e expor os materiais didáticos desenvolvidos para o evento. O conteúdo ficou à disposição do público para observações e interações.

Durante a visita aos estandes dos alunos e a observação dos objetos em exposição, incluindo a Boneca Abayomi e a Peteca, o Professor Ivan Carriel gentilmente me convidou para participar da oficina na SNCT em 22 de outubro de 2022. Na ocasião, solicitou que adaptasse a Boneca Abayomi para ser utilizada na contação de histórias por meio da marionetização, empregando a técnica de manipulação direta.

Após o convite, iniciei os experimentos de adaptação, e após uma série de testes, a versão modificada da Boneca Abayomi surgiu. Novas reuniões foram agendadas para o planejamento das atividades previstas para o evento e suas sequências, que serão narradas a seguir.

Durante a fase inicial de organização, foram conduzidas reuniões em conjunto com o Professor Ivan Carriel, nas quais discutimos diversos aspectos pertinentes ao evento, como o tema, o público-alvo, as atividades, os palestrantes, os convidados, o local e horário, bem como a logística dos materiais necessários. Em uma dessas reuniões de organização, optamos por envolver alguns alunos na preparação do evento, contando com a participação de estudantes dos 2º, 6º e 8º semestres do curso de Licenciatura em Pedagogia, principalmente minha colega de curso e do PIBID, Rosimeire Porcino.⁷

A Professora Doutora Roberta Akemi Sinoara, também do IFSP Campus Boituva e Coordenadora de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação, fez parte da comissão do evento e foi responsável por inscrever a proposta no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP). Inicialmente, foram oferecidas 25 vagas, mas o sistema permitiu 46 inscrições. Após a criação do evento, a proposta foi deferida pela Coordenadoria de Extensão (CEX).

⁶ Sobre o evento: Disponível em: <https://btv.ifsp.edu.br/index.php/licenciatura-em-pedagogia/eventos/3706-vi-semana-da-pedagogia-e-iv-semana-de-educacao-inclusiva>. Acesso em 21 de out. 2023.

⁷ Respectivamente: do primeiro semestre, Márcia Vitória Andrade Brito; do segundo Renata da Silva Mariano de Moraes e Rose Kelly Leiva da Silva Soares, do quarto Evelyn Pereira Rodrigues; do sexto, Bianca Leme Teixeira e eu; do oitavo, Rosimeire Silva Porcino de Almeida.

A segunda oficina foi concebida pelas Professoras Agnes Cruz de Souza e Marina Aparecida Rodrigues Isler, respectivamente, integrantes do Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade (NUGS) e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFSP. Elas me convidaram para organizar, liderar, coordenar e mediar a mesma oficina já realizada sobre as Bonecas Abayomi. A Professora Roberta Sinoara mais uma vez fez o registro no SUAP, e as inscrições foram feitas por meio do preenchimento no SUAP. Tivemos um total de 69 inscritos.

As duas oficinas foram divulgadas nas redes sociais (Facebook e Instagram) e pelos grupos de WhatsApp das turmas do Curso de Pedagogia.

O sucesso foi tanto que recebemos convites para participar de um curso de formação de professores, mas devido à sobrecarga de atividades e compromissos no final do ano, não conseguimos comparecer. Também recebemos um convite para participar de uma oficina na Semana da Consciência Negra com o ensino médio, mas infelizmente não conseguimos realizar todas as atividades planejadas devido a algumas restrições.

Professora em formação,icineira desde já, artesã há muito tempo: as bonecas Abayomi e o pulsar da minha negritude

Por fim, e não menos relevante, minhas vivências com atividades manuais e a consciência da minha identidade como mulher negra na sociedade desempenham um papel fundamental na construção da professora antirracista que estou me tornando por meio deste TCC. Essas reflexões serão aprofundadas nos próximos parágrafos.

Desde a infância, cresci em um sítio no Paraná e trabalhei na roça. Nossas brincadeiras incluíam a criação de bonecas com espigas de milho, utilizando palhas para confeccionar roupas e enfeites. Os cabelos dessas bonecas apresentavam diversas cores, incluindo os crespos e cacheados. Tínhamos poucos brinquedos comprados, e as únicas peças de roupa e brinquedos que recebíamos eram enviados por uma tia nossa do Rio de Janeiro quando outra irmã a visitava na cidade.

Lembro-me, aos seis anos, de uma vizinha costureira e cabeleireira chamada Deomar, que nos ensinava a confeccionar roupas para as bonecas usando retalhos de tecido, incluindo calcinhas. Ela tinha um cuidado especial conosco, especialmente após meu pai ficar viúvo e ter que cuidar de dez filhos pequenos sozinho. Mais tarde, aos dezesseis anos, aprendi a fazer tricô e confeccionei minha primeira blusa de frio para enfrentar o clima gelado do sul do país.

Em 1990, enquanto ainda morava em Sorocaba-SP e não tinha filhos, fui comprar uma planta em uma floricultura perto de minha casa. Acabei fazendo amizade com a proprietária, Antônia de Moraes, uma mulher negra e viúva com filhos pequenos, que montava e vendia arranjos florais, incluindo botões solitários de flores. Os filhos dela a ajudavam a vender esses arranjos em bares pela cidade. Fiquei comovida com a determinação desses meninos em ajudar no sustento da família e acabei me aproximando deles.

A partir daquele momento, teve início a minha amizade com a Toninha Flores Arranjos e Noivas, onde comecei a ajudar nas decorações nos finais de semana. Na época, eu trabalhava de segunda a sexta-feira em uma empresa que vendia consórcios. Aos sábados e domingos, ajudava na decoração em troca de companhia, pois me sentia bastante solitária em Sorocaba, onde dividia um apartamento com um amigo. Aprendi a fazer arranjos e buquês com ela.

Anos depois, quando meu primeiro filho foi diagnosticado com câncer, passei muito tempo com ele no Hospital Grupo de Pesquisa e Assistência ao Câncer Infantil (GPACI), utilizando materiais doados, revistas, tecidos, linhas coloridas e agulhas de bordado disponíveis. A pedido da diretora administrativa do hospital, comecei a aprender e a ensinar manualidades às outras mães que acompanhavam seus filhos durante a quimioterapia. Logo, o ponto cruz se tornou uma fonte de renda para mim, uma vez que estava desempregada.

Algum tempo depois, minha filha Amanda teve que passar por uma cirurgia de apendicite e ficou hospitalizada por um longo período na Santa Casa de Sorocaba. Nesse ambiente, conhecemos uma boliviana que ministrava cursos de criação de bijuterias em uma loja de materiais para acessórios em Sorocaba. Ela também estava com o filho internado no mesmo hospital e começou a ensinar Amanda a confeccionar bijuterias para passar o tempo durante a internação. Mais uma vez, aprendi a fazer mais uma atividade manual, que também se tornou parte de minha renda. Nessa época, trabalhava como segurança na Caixa Econômica Federal e as funcionárias do banco tornaram-se minhas clientes, encomendando peças que eu produzia em casa nas horas vagas.

Após me casar e mudar para Tatuí-SP, decidi me dedicar à decoração de festas de casamento, incluindo arranjos florais e organização cerimonial; isso se tornou minha principal fonte de renda. Atualmente, estou fortemente envolvida na área da educação, onde constantemente surge a necessidade de criar brinquedos e atividades lúdicas para as crianças. Tenho essa facilidade em aprender e desenvolver atividades manuais, algo que

sempre despertou meu interesse. Em minhas regências, busco essa intersecção de integrar a teoria com a prática, uma vez que acredito que aprendo mais quando coloco em prática o que observo e planejo.

Sobre a questão de estudar temas antirracistas, eu não tinha compreendido sua importância e relevância na escola. Fui desperta para esse tema gradualmente, já sentia algo dentro de mim em relação a essa temática, mas não possuía plena consciência desse sentimento. Afinal, a questão racial passou por muitos silêncios na história do nosso país. A Lei que trouxe a questão racial para o debate público, as leis de cotas que nos dão visibilidade... Tudo muito recente. No entanto, a minha formação como Pedagoga no século XXI coloca-me no centro da questão racial, que me toca, me forma e tece o meu fazer pedagógico e a minha reflexão sobre metodologias de ensino e aprendizagem antirracista.

Assim, para mim, essa conexão entre teoria e prática, observação e planejamento está diretamente ligada à educação. Esse vínculo com as manualidades vem desde sempre e continua a ser uma parte fundamental da minha vida. Todas as oportunidades durante o curso, nas escolas com o PIBID e o RP, desempenharam um papel crucial em minha formação inicial, incentivando a criação de atividades práticas. Através delas, pude explorar pesquisas sobre materiais e desenvolver práticas acessíveis a pessoas de todas as idades, ao mesmo tempo em que aprofundo meu conhecimento sobre questões étnico-raciais - um tema que desperta meu maior interesse atualmente.

Bonecas Abayomi tecem caminhos pra educação antirracista: manualidade, criatividade e a Lei Lei 11.645⁸

A Lei nº 11.645/2008 tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, públicos e privados. O conteúdo programático abrange vários aspectos, como a História da África, a luta dos negros e indígenas no Brasil, a cultura desses grupos e sua contribuição nas áreas social, econômica e política. Esses temas devem ser integrados em todo o currículo escolar, especialmente nas disciplinas de educação artística, literatura e história brasileiras. A lei entrou em vigor na data de sua publicação, em 10 de março de 2008.

⁸ Essa Lei altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Nas pesquisas realizadas na internet⁹, a história das Abayomis se ampliou entre educadoras e ativistas brasileiras, revelando que as primeiras bonecas, na verdade, foram elaboradas por uma professora ativista baiana, Lena Martins, por volta de 1980 (SANTOS, 2019, p. 2). Sua mãe possuía um ateliê de costura e confeccionava bonecas de pano, a partir do qual a filha aprendeu a arte da confecção. Posteriormente, com um engajamento crescente no ativismo em prol da igualdade étnico-racial, a professora começou a produzir as bonecas Abayomis.

Durante minhas pesquisas, encontrei relatos sobre as Abayomis nos navios negreiros,¹⁰ sugerindo que as mães, para acalmar seus filhos nos porões escuros, rasgavam as barras das saias e confeccionavam as bonecas com os nós do tecido retirado de suas próprias roupas. Cada nó feito era acompanhado de uma prece, e as bonecas eram entregues às crianças como forma de conforto e proteção durante a angustiante jornada rumo a uma terra desconhecida, na condição de cativos involuntários.

A pesquisa de Eliane Cavalleiro (2012) reveste-se de significância o contexto da educação infantil ao evidenciar a existência de um silêncio escolar que transgreda a legislação estabelecida pela Lei 11.645, promulgada em 10 de março de 2008. Através de sua pesquisa de mestrado, ela pôde mapear que muitos professores não têm conhecimento da lei, não receberam formação adequada para sua aplicabilidade, ou não a implementam devido à falta de respaldo em seus empregos. Este estudo ainda revela a falta de efetivação de uma educação verdadeiramente igualitária, notando-se a negligência por parte das instituições de ensino (direção, professores, coordenações). A autora apresenta diversos exemplos que ilustram a disparidade de tratamento entre crianças brancas e negras, bem como a carência de material didático que promova a representatividade. Tais lacunas resultam na omissão sistemática diante de casos de manifestações racistas.

Para a elaboração deste trabalho, conduzi uma pesquisa bibliográfica, acerca dos relatos de oficinairos sobre a confecção de Bonecas Abayomi no *Google Acadêmico*. Predominantemente, como delineado a seguir, a pesquisa reflete sobre a Lei 11.645, de 10 de março de 2008 e examina como a oficina, por meio deste recurso didático (as bonecas),

⁹ Um dos primeiros sites que aparecem em pesquisa simples no Google - Disponível em: <https://lunetas.com.br/bonecas-abayomi/>. Acesso em 24.11.2023

¹⁰ "Nome dado aos navios que transportavam majoritariamente escravizados africanos para o trabalho nas Américas. Estima-se que foram embarcadas e desembarcadas mais de 10 milhões de africanas(os), ao longo dos séculos XVI e XIX, durante o Tráfico Transatlântico. Estes dados foram produzidos pelo banco de dados que virou o site interativo "Viagens de escravos". Segundo Davis Eltis (2007), esse processo foi o maior deslocamento forçado de pessoas através do Oceano Atlântico, que se tem registro na História. Disponível para consulta em: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates.>" (SILVA, 2019, p. 3).

incita o debate acerca das identidades afro-brasileiras. Tal empreendimento mostrou-se crucial para orientar os rumos deste artigo e aprofundar-me nas questões pertinentes às legislações brasileiras, às metodologias de oficinas e como cada um se tornou oficinairo.

Título	Autores	Ano
As bonecas Abayomi e as novas sensibilidades históricas: possibilidades para uma educação anti-racista	Fernanda Laura Costa, et al.	2015
Turbantes e bonecas Abayomi: estratégias para o fortalecimento da etnicidade afro-brasileira em espaços educativos	Bruna de Paula Pereira; Maria Alice Rezende Gonçalves	2021
Prática Pedagógica sobre a cultura afro-brasileira: oficina de bonecas Abayomi	Letícia Lima de Souza	2017
Oficina de Criação da Boneca Abayomi	Marleide Ferreira, et al.	2018
III Oficina de Boneca Abayomi: relato de experiência	Maria Vitória Santos Sousa, et al	2017
A mediação do professor no processo de ensino aprendizagem da Matemática através da confecção de uma Boneca Abayomi	Luana Merfort Spielmann, et al.	2023
Cultura Maker: a percepção dos alunos do curso de Pedagogia EAD/UNIT sobre a Boneca Abayomi na disciplina Cultura Afro-brasileira e Indígena	Ivan Rêgo Aragão; Eunice Aparecida Borsetto	2023
Relato de experiência: uma visão sobre a inclusão da Cultura afro na educação e a construção da Boneca Abayomi	Luciano Rodrigues dos Santos, et. al.	2018
Desconstruindo e construindo desenhos com tiras de tecido a partir da Boneca Abayomi	Márcia Fernandes Cunha Martinelli	2010
Oficina de Bonecas Abayomi: relato de experiência de acadêmicas da área de Saúde	Aparecida Reis	2021

Tabela 1: Lista das bibliografias utilizadas como referências comparativas em outros relatos de oficinairos.

Fonte: Elaborado pela autora.

No primeiro estudo, intitulado "As bonecas Abayomi e as novas sensibilidades históricas: possibilidades para uma educação anti-racista", veiculado nos anais de um evento acadêmico, os autores estabelecem uma conexão entre as novas "sensibilidades

históricas"¹¹ e o modo como esses elementos podem contribuir para a formação de professores de História, conduzindo-os efetivamente a uma perspectiva de Educação anti-racista e à implementação da Lei N.º 10.639/2003 (COSTA et al., 2015, p. 1). Embora não tenha sido empreendida uma investigação aprofundada sobre a origem da boneca, destaca-se a contribuição relevante por meio do relato daqueles que participaram das oficinas, estabelecendo um paralelo com a boneca Barbie e o imaginário das bonecas africanas (a uma visão negativa associada ao que se imagina ser o Voodoo), e como durante o processo essas concepções foram desmistificadas.

O segundo estudo é um artigo intitulado "Turbantes e bonecas Abayomi: estratégias para o fortalecimento da etnicidade afro-brasileira em espaços educativos", um relato desenvolvido em uma oficina no Rio de Janeiro, nos anos de 2015-2016. Este trabalho, aprofunda-se nas leis, questões de identidade, influência dos movimentos sociais, e como os turbantes e as bonecas, apresentam-se como "pertencentes à estética e à cultura negra" (PEREIRA; GONÇALVES, 2021, p. 323). Nessa produção bibliográfica, destaca-se o relato das expressões das crianças, que se mostravam incrédulas quanto à transformação dos retalhos em um objeto concreto.

O terceiro material analisado é "Prática Pedagógica sobre a cultura afro-brasileira: oficina de bonecas Abayomi", publicado em uma revista, composto por apenas seis páginas (SOUZA, 2017). O estudo direciona-se para as experiências de pessoas vinculadas ao PIBID de Ciências Sociais, sendo notável por sua densidade, focalizando-se no ambiente escolar e apresentando teóricos da área da Sociologia para fundamentar sua argumentação, destacando a importância do PIBID e a contribuição da oficina na valorização da cultura afro-brasileira (SOUZA, 2017).

As quatro produções subsequentes, indicadas pela plataforma, apresentam-se na forma de resumos. O quarto, intitulado "Oficina de Criação da Boneca Abayomi", apesar de breve, aborda uma discussão centrada no gênero feminino, explorando o significado da palavra Abayomi, em Ioruba, que traduz-se como felicidade e alegria. Esse trabalho destaca as etapas necessárias para a concepção de uma oficina (FERREIRA; BARROS, 2018). O quinto, "III Oficina de Boneca Abayomi: relato de experiência", menciona a recorrência da oficina no PET - Conexões de Saberes, da Universidade Federal de Mato Grosso, desde 2019. Destaca-se a motivação para a confecção, derivada da observação

¹¹ Segundo os autores seria: "as novas sensibilidades históricas funcionam como mecanismos para trazer para o discurso da História esses atores sociais, bem como suas riquezas culturais." (COSTA et al., 2015, p. 3).

atenta à ausência de bonecas negras nas brinquedotecas (SOUSA et al, 2018). O sexto, "A mediação do professor no processo de ensino aprendizagem da Matemática através da confecção de uma Boneca Abayomi", desperta interesse ao aplicar a interdisciplinaridade, explorando a Matemática (adição e subtração) por meio da confecção dos retalhos, estimulando uma visão crítica não apenas da História, mas também das formas geométricas (SPIELMANN; ALBUQUERQUE; ROSA, 2023). O sétimo, um artigo "Cultura Maker: a percepção dos alunos do curso de Pedagogia EAD/UNIT sobre a Boneca Abayomi na disciplina Cultura Afro-brasileira e Indígena" apresenta um erro na revista, impossibilitando o acesso ao trabalho completo, aborda discursivamente questões como "afetividade, memória e proteção".

O oitavo trabalho, um resumo expandido intitulado "Relato de experiência: uma visão sobre a inclusão da Cultura afro na educação e a construção da Boneca Abayomi", inserido no contexto da aplicação dentro da RP, revela alguns problemas de revisão na escrita, diferenciando-se das demais bibliografias lidas até então, e não aprofundando nas temáticas. Contudo, considero que este trabalho também contribui para ressaltar a importância da orientação durante o processo de desenvolvimento de uma pesquisa (SANTOS, 2018).

O nono trabalho consiste na monografia de Especialização em Artes Visuais, intitulada "Desconstruindo e construindo desenhos com tiras de tecido a partir da Boneca Abayomi". Este relato detalha a experiência em uma escola em Minas Gerais, sendo notável pelo esforço em explicar as metodologias empregadas, os resultados esperados e os obtidos, especialmente na problematização que essas atividades representam como arte, considerando a tradição ancestral, os objetos estéticos e como mobilizam a criatividade (MARTINELLI, 2010, p. 26).

O décimo trabalho, um artigo intitulado "Oficina de Bonecas Abayomi: relato de experiência de acadêmicas da área de Saúde", destaca-se ao desenvolver uma atividade dentro de uma brinquedoteca pediátrica em um hospital no estado do Mato Grosso. Este relato foca intensamente nas experiências dos participantes (REIS, 2021).

Observo uma diversidade de grupos, representando distintos momentos da trajetória acadêmica, que empreendem na produção destas bonecas com propósito didático-pedagógico, abarcando áreas como História, Pedagogia, Ciências Sociais, Saúde, Matemática e Artes Visuais. Todos compartilham a aspiração comum de proporcionar uma perspectiva mais plural e dinâmica da História afro-brasileira, oferecendo novos olhares à

população negra e enriquecendo suas representações para além da temática do tráfico negreiro, explorando outras formas de arte e identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é impulsionada por minhas vivências como estudante no curso de Pedagogia, especialmente aquelas que transcenderam os limites da universidade por meio de participações em diversos programas, atividades e estudos, tais como o PIBID, a I.C., a RP, a participação em atividades do Centro Acadêmico, do Clube de Leitura, Representante Discente do curso de Pedagogia, do Estágio Obrigatório, assim como a colaboração em comissões e a organização de eventos. Essas experiências enriqueceram meu percurso acadêmico, proporcionando uma base sólida para a reflexão e ação no âmbito educacional, especialmente no que diz respeito às questões antirracistas e à promoção da diversidade.

Essas atividades representam um ponto significativo em minha trajetória. O aprendizado adquirido nas duas primeiras oficinas reforça a ideia de que esta jornada é tanto individual quanto coletiva, especialmente no contexto educacional, onde a fragmentação é comum, mas não garante sucesso. A abordagem coletiva traz significado para as crianças e enriquece minha perspectiva como estudante e futura pedagoga. A interseção entre as práticas manuais, o aprendizado antirracista e a colaboração coletiva revela-se fundamental para uma educação mais inclusiva e consciente.

Essa experiência trouxe à tona vivências passadas, como a construção da peteca e das bonecas, resgatando memórias da infância que estavam adormecidas em mim. As discussões sobre colonização, história da educação e preconceito racial desde as primeiras disciplinas do curso também contribuíram para esse despertar. A luz que surgiu dessas oficinas transcende a abordagem convencional, levando-me a refletir sobre temas mais profundos. A interseção entre as práticas manuais, a reconexão com minha própria história e a compreensão crítica da educação antirracista forma um conjunto valioso para minha jornada como estudante e futura educadora.

Ao me aproximar do momento de escolher um tema para o TCC, inicialmente considerava outras ideias, mas os questionamentos levantados durante as oficinas sobre racismo e discriminação racial tornaram-se inevitáveis. Mesmo tentando pensar em alternativas, percebi que não podia negar a força desse chamado mais profundo para investigar e trabalhar essa questão. Assim, a escolha do tema para meu trabalho tornou-se

clara e inegável, algo que, por mais que eu tentasse resistir, era necessário para meu comprometimento pessoal e acadêmico. O envolvimento com as práticas manuais, aliado à consciência sobre a importância do antirracismo na educação, culminou na definição desse tema para o meu TCC.

Portanto, ao longo do tempo, percebi como a discussão do tema antirracismo não envolve apenas a luta de um coletivo negro, mas deve incluir todas as camadas da sociedade, independentemente de classe social, identidade de gênero ou etnia. Os professores desempenham um papel fundamental na mudança da visão dos futuros cidadãos em formação. Assim, essa questão é um debate em busca de uma educação igualitária e de oportunidades para todos.

O processo integral de concepção e execução das oficinas gerou em mim um sentimento de pertencimento a uma esfera mais abrangente do que minha compreensão individual permitia. Parecia como se estivesse vivenciando uma experiência que, há muito, aninhou-se em meu íntimo, mas permanecia, por alguma razão, inacessível à minha percepção. A confecção da boneca Abayomi, além de ser um artefato lúdico, configurava-se como um amuleto de fortuna e um símbolo robusto de resistência, elaborado a partir de retalhos de tecido. Esses sentimentos e reflexões constituíam uma esfera de experiência até então inexplorada por minha sensibilidade.

Por meio de pesquisas bibliográficas e experiências práticas, tenho me dedicado ao desenvolvimento de oficinas e atividades manuais que promovem a educação antirracista e incentivam a criatividade e a reflexão sobre as identidades étnico-raciais na formação de professores. Ao prosseguir com minhas investigações, deparei-me com informações pertinentes sobre as origens da boneca Abayomi, as quais foram detalhadas ao longo deste trabalho.

Percebi ao longo da escrita dessa pesquisa, como a Educação é um ato político, desde suas leis, até a implementação ou não de um ensino antirracista. É necessário que essa educação antirracista desenvolva nas crianças “pensamentos menos comprometidos com a visão dicotômica de inferioridade/superioridade dos grupos étnicos” (CAVALLEIRO, 2011, p. 37). Essa autora ainda continua afirmando que nos anos iniciais ainda é primordial tais problematizações pois elas [as crianças] são “desprovidas de autonomia para aceitar ou negar o aprendizado proporcionado pelo professor” (CAVALLEIRO, 2011, p. 3).

Nesse contexto, compreendo que desempenhar o papel de professora implica reconhecer o racismo como uma questão coletiva. É necessário buscar estratégias que visem a promoção de uma autoimagem positiva nas crianças negras, evitando que se

percebiam como inferiores. Ademais, destaco a importância de apresentar uma narrativa histórica ancestral que não se restrinja à escravidão, mas que realce as resistências.

O aprendizado central reside na compreensão de que a construção de uma educação igualitária se efetua no cotidiano, fomentando relações étnico-raciais diversas e multifacetadas. Torna-se imperativo não se calar diante das disparidades, mas sim edificar uma identidade positiva em cada um dos alunos, acolhendo-os em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

Documentos:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. DF: Ministério da Educação e Cultura. 2017

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, DF: Diário da União, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL.

BRASIL. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Dispõe sobre o Ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, DF: Diário da União, 2008.

Artigos e livros

ALVES, Felipe Arthur Cordeiro; CÔRTEZ, Gisele Rocha. Raízes do epistemicídio negro: análise da produção científica do ENANCIB (1994-2019). **Em Questão**, v. 29, p. 1-27, 2023.

ARAGÃO, Ivan Rêgo; BORSETTO, Eunice Aparecida. Cultura Maker: a percepção dos alunos do curso de Pedagogia EAD/UNIT sobre a Boneca Abayomi na disciplina Cultura Afro-brasileira e Indígena. **Revista Paidéi@-Revista Científica de Educação a Distância**, v. 15, n. 27, 2023.

CAMPOS, Débora Lima; DA SILVA, Sebastião Constantino Brito. O conceito de currículo: um breve Histórico das mudanças no enfoque das linhas Curriculares. **Igapó**, v. 3, n. 1, 2009.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Editora Contexto, 2004.

COSTA, Fernanda Laura. et al. As bonecas abayomi e as novas sensibilidades históricas: possibilidades para uma educação anti-racista. **Anais do IV Seminário Pesquisar**, V.4, p. 1-5, 2015.

CRISTINA RAIMUNDO, Alessandra; VASCONCELLOS TERRA, Dinah. Educação para as relações étnicoraciais na educação infantil: a história de Sophia. **Movimento**, v. 28, 2022.

FERREIRA, Marleide; BARROS, Andre Phylippe Dantas; CARDOSO, Maria Bernadete. Oficina de Criação da Boneca Abayomi. In: **3ª Mostra de Ensino, Pesquisa e Extensão do Campus Alvorada**. 2018.

FRAGATA, Cláudio. **O tupi que você fala**. Rio de Janeiro: Globinho, 2018.

MAGALHÃES, Raimundo Sousa; BRUSSIO, Josenildo Campos. Educação para as relações étnico-raciais. Reflexões para uma via de luta antirracista a partir da Lei

10.639/2003 e da epistemologia decolonial no ensino. **Kwanissa**, São Luís, v. 05, n. 13, p. 82-99, jul/dez, 2022.

MARTINELLI, Márcia Fernandes Cunha. **Desconstruindo e construindo desenhos com tiras de tecido a partir da boneca Abayomi**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia - Especialização em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais. 2010.

MEDRADO, Vinícius. **A origem da peteca**. São Paulo: Grandir, 2020.

MILLS, Charles Wright; CASTRO, Celso; BORGES, Maria Luiza A. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2009. (Nova biblioteca de ciências sociais).

MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro no Brasil**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1978.

OLIVEIRA, Viviane Sales; DE SANTANA, Marise. Ancestralidades, identidade étnica e etnicidades no centro da resistência. **ODEERE**, v. 4, n. 8, p. 94-118, 2019.

PEREIRA, Bruna de Paula; GONÇALVES, Maria Alice Rezende. Turbantes e bonecas Abayomi: estratégias para o fortalecimento da etnicidade afro-brasileira em espaços educativo. **O Social em Questão**, v. 2, n. 50, p. 311-338, 2021.

REIS, Aparecida. Oficina de Bonecas Abayomi: relato de experiência de acadêmicas da área de Saúde. **Revista Corixo de Extensão Universitária**, v. 8, n. VIII, 2021.

REIS, Diego dos Santos. A colonialidade do saber: perspectivas decoloniais para repensar a universidade. **Educação & Sociedade**, v. 43, 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Caroline Lima dos. **Narrativas que cruzam o Atlântico: bonecas Abayomis e as histórias contadas por ativistas negras**. 2019. 21f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de História, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Ceará, 2019.

SANTOS, Domingos, D. dos.; GOMES, Guilherme, A. A África e a BNCC: uma análise do livro didático "História: sociedade e cidadania" de Alfredo Boulos. **Revista História em Curso**, Belo Horizonte, p. 129-151, Dez. 2021

SANTOS, Luciano Rodrigues dos et al. Relato de experiência: uma visão sobre a inclusão da Cultura afro na educação e a construção da Boneca Abayomi. **Anais da XXI Semana de Iniciação Científica da URCA**. 2018.

SILVA, Maria, G. da; COUTINHO, Diógenes, J. G. Inclusão digital nas escolas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE**, v. 7. n. 9. set. 2021.

SOUSA, Maria Vitória Santos et al. III Oficina de Boneca Abayomi: relato de experiência. In: **15º Congresso Internacional da Rede Unida**. 2022.

SOUZA, Letícia Lima de. Prática Pedagógica sobre a cultura afro-brasileira: oficina de bonecas Abayomi. **Revista Três Pontos**, v. 14, n. 2, p. 8-85, 2017.

SPIELMANN, Luana Merfort; ALBUQUERQUE, Juliane Brogliato; ROSA, Dirlei Weber. A mediação do professor do processo de ensino aprendizagem da Matemática através da confecção de uma Boneca Abayomi. **Seminário de Iniciação Científica e Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE)**, 2023.